Bosquejo Histórico de uma Filosofia da Linguagem (Conclusão)

Florival Seraine

2.20. Brugger, em seu *Dicionário de Filosofia*, situa Alfred J. Ayer no parágrafo "Análise da Linguagem", do "Escorço de uma História da Filosofia", ali contido. Coloca-o ao lado de G. Ryle, A. Jonh T. D. Wisdom, já nascidos neste século: Ayer em 1910. Adita que nessa "análise da linguagem" há uma redução dos problemas filosóficos a problemas da linguagem, havendo conexão do pensamento dos filósofos citados com o de G. Moore, Russell e Wittgenstein. Cita as seguintes obras de Ayer: *Linguagem, Verdade e Lógica* (1946) e *Os Fundadores do Conhecimento Empírico* (1940), ambos escritos em inglês. Dispomos de uma versão espanhola da reimpressão (1957) de *The Problem of Knowledge (O Problema do Conhecimento).*

Bochénski considera A. J. Ayer o partidário mais radical dos neo-positivistas. Importante figura da filosofia científica, em seu primeiro livro, já clássico, representou, no momento, as orientações características do positivismo lógico. Em virtude da clareza do seu estilo a obra deste pensador torna-se acessível não só ao erudito, mas até ao leitor profano.

Já vimos, no primeiro capítulo deste livro, o pronunciamento de Ayer sobre a distinção entre Filosofia e Ciência. Em outro ponto do volume a que recorremos, o filósofo ocupa-se de "uso público e uso privado da linguagem". A esse respeito, aprensentamos algumas de suas conclusões, que nos parecem mais significativas: "Se tem de ser uma autêntica linguagem, deve funcionar tal como o faz uma linguagem pública". "Estou de acordo em que se hei de dar às minhas palavras um significado descritivo, devo usá-las de conformidade com um conjunto de regras. Minhas palavras devem fazer muito mais do que apontar simplesmente para minhas experiências: se uma palavra se aplica a alguma cousa deve-se-lhe aplicar não meramente enquanto é *isto*, e sim, enquanto é alguma cousa de certa classe; porém, não é necessário que a questão de se observo ou infrinjo minhas regras, esteja sujeita a um controle social. "Ao

final do parágrafo conclui: "Se o que faz que uma linguagem seja pública é que seu uso por parte de uma pessoa seja intelegível por outra e, como espero demonstrar em seguida, do fato de que não podemos compartilhar literalmente as experiências de outras pessoas, no que se conclui que não possamos entender o que esta diz delas. E, em segundo lugar, também é falso que ao formular um enunciado empírico nos estejamos referindo sempre às experiências próprias.[144] Estendemo-nos um pouco na citação, mas o que assim objetivamos é, além do mais, dar uma idéia do modo estilístico e do tipo de raciocínio inerentes ao neopositivista inglês Alfred J. Ayer.

O professor norte-americano W. M. Urban, em seu livro "Linguagem e Realidade" discute certas proposições do filósofo ora tratado, como aquela "WHAT PEOPLE MEAN BY MEANING", um procedimento psicológico não lógico, que invoca em seu artigo "Uma Demonstração de que a Metafísica é Impossível". Prolonga-se a crítica de Urban àquela outra formulação de Ayer: "RULES THAT DETERMINE THE LITERAL SIGNIFICANCE OF LANGUAGE", que elimina toda metafísica. Neste programa da anti-metafísica, que consiste em mostrar que as palavras metafísicas são apenas palavras aparentes, lembramos as sentenças de R. Carnap, para quem "todas as VALUE WORDS são *Scheinwörte* e todas as proposições que as contêm, *Scheisätze*".[152] Urban refuta explicitamente o pensamento de Ayer em certo ponto de sua argumentação sobre a poesia e a linguagem da metafísica, afirmando que seu "exame da linguagem poética tem mostrado que, com exceção dos significados intuitivos das palavras poéticas, as sentenças têm significado metafórico ou simbólico." Mostra ainda o erro de Ayer, que surge na sua "suposição de que se as sentenças não têm significado literal são absurdas ou absolutamente não tem sentido."[153]

2.21. Não nos alongaremos a propósito do tema e aqui, nesta parte do nosso trabalho, reconhecemos haver deixado de enfocar, como deveríamos, figuras importantes para a Filosofia da Linguagem, a exemplo de Russel, Carnap, Bergson, Hönigswald e outros. Entretanto, há um autor sobre quem não deixaremos de tratar, por que sua obra principal exerceu grande influência para o desenvolvimento de disciplinas modernas como a Sócio-lingüística e a Semiótica. Trata-se do pensador russo Mikhail Bakhtin e, especialmente, das suas idéias contidas no

volume *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, que traz como subtítulo "Os problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem".[154]

Nasceu Bakhtin em 1895 e faleceu em 1975, na atual União Soviética. Em 1929-1930 publicou o seu importante trabalho, em edição russa, com a assinatura de V. N. Volochinov, que, em verdade, era um dos seus discípulos diletos (MARKSIZM I FILOSÓFIA IAZIKÁ). A tradução portuguesa de que dispomos – segundo nota dos tradutores – baseia-se principalmente nas versões francesa (Paris, 1877) e americana (Nova Iorque, 1973), sem que fossem dispensadas consultas ao original russo, graças à ajuda de L. Ieki. "A novidade e a originalidade do conteúdo" desse livro já foram acentuadas por um lingüista da importância de Roman Jakobson, que se expressa a respeito em admirável síntese: "Segundo Bakhtin, na estrutura da linguagem todas as noções substanciais formam um sistema inabalável, constituído de pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, a cognição e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, a identidade e a variabilidade, o universal e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado".[155]

Vejamos agora como julga Bakhtin o objeto da filosofia da linguagem e quais as orientações principais no que tange à resolução do problema em exame. Para ele existem duas orientações no sentido de *isolar e delimitar a linguagem como objeto de estudo.* As posições fundamentais da primeira tendência quanto à língua podem ser sumariadas nas quatro proposições a seguir:

"1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção ("energia"), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.

2. As leis da criação lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual.

3. A criação lingüística é uma criação significativa, análoga à criação artística.

4. A língua, enquanto produto acabado ("ergon"), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética) apresenta-se

como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação lingüística, abstratamente construída pelos lingüístas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado."(156)

Está claro que W. von Humboldt foi um dos mais famosos representantes dessa primeira tendência, foi quem estabeleceu seus fundamentos, mas não esqueçamos aqui o nome de K. Vossler.

Passemos em seguida à definição da segunda tendência do pensamento filosófico-lingüístico, de acordo com a interpretação do escritor soviético. Esta orientação coloca o centro organizador de todos os fatos da língua, o que dela faz o objeto de uma ciência bem definida, no *sistema lingüístico*, a saber, *o sistema das formas fonéticas, gramaticais e léxicas da língua*. Enquanto que, para a primeira orientação - conclui Bakhtin - "a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, para a segunda orientação a língua é um arco-íris imóvel que domina este fluxo. Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços *idênticos*, que são assim normativos para todas as enunciações - traços fonéticos, gramaticais e lexicais - que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade."(157)

O autor russo sintetiza o essencial das considerações da segunda tendência nestas proposições:

1. A língua é um sistema estável, imóvel, de formas lingüísticas submetidas a uma norma fornecida de tal qual à consciência individual e peremptória para esta.
2. As leis da língua são essencialmente leis lingüísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos lingüísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva.
3. As ligações lingüísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, na base dos fatos lingüísticos, nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico.

4. Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal a mudança é, do ângulo do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. *Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si".*

Bakhtin acha que é preciso buscar as raízes dessa orientação no racionalismo dos séculos XVII e XVIII, as quais mergulham no solo fértil do cartesianismo. Foi Leibniz, segundo o autor russo, quem exprimiu pela primeira vez estas idéias de forma clara, na sua teoria da gramática universal. Na época contemporânea vem-nos à mente a obra de Ferdinand de Saussure, o celebrado COURS DE LINGUISTIQUE GÉNERALE, em cujas idéias essenciais vieram fundamentar-se as correntes lingüísticas mais importantes da primeira metade deste século, as correntes *estruturalistas.*

À primeira tendência Bakhtin chama de "subjetivismo idealista" e à segunda de "objetivismo abstrato".

Por fim, tenta ele formular o seu próprio ponto de vista acerca do tema, expressando-se nas seguintes asserções de teor crítico e definidoras: 1 – A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos* particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta* da língua; 2 – A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores;* 3 – As leis da evolução lingüística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução lingüística são essencialmente *leis sociológicas.* 4 – A *criatividade* da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam.* A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se "uma necessidade de funcionamento livre",

uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada; 5 – *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo "individual") é uma CONTRADICTIO IN ADJECTO."

Vimos, assim, um pouco da obra considerável desse pensador e crítico literário, estudioso singular dos problemas filosóficos da linguagem, que tantos anos permaneceu na obscuridade, mesmo na imprensa e nos círculos culturais mais importantes do seu próprio país. Em nossa época, pós-estruturalista, as suas concepções devem merecer destaque especial. Poderemos resumí-las ao extremo dizendo que para o autor russo a palavra nada mais é do que um *signo social* e no estudo da linguagem devem receber primacial consideração as enunciações: palavras, frases ou sequências de frases. "A filosofia marxista da linguagem deve colocar como base de sua doutrina a enunciação, como realidade da linguagem e como estrutura sócio-ideológica" – são dizeres que se apontam em sua obra principal.[158]

Poderemos discordar de certos resultados ideológicos de suas cogitações filológico-lingüísticas, como quando leva o problema ao plano da luta de classes, mas não poderemos negar a força da sua concepção dialética na filosofia da linguagem.

NOTAS

(1) Crátilo foi um dos mestres de Platão e entre os "Diálogos" encontra-se o dele com o autor do "Fedro". O "Crátilo" figura entre os escritos da fase de transição do filósofo, versando temas atinentes à filosofia da linguagem. Neste período, em que os escritos platônicos são compreendidos entre os da juventude e os da velhice, ao lado de uma tomada de posição em face de questões políticas e concepções órfico-pitagóricas, registra-se a passagem da doutrina lógica do conceito à teoria das idéias. (Brugger).

Apontada como conseqüência do realismo nominal é a formulação contida no *Crátilo*: "Conhecer os nomes é conhecer as cousas", o que – segundo Rougier – fazia dizer a Antístenes, discípulo de Sócrates, que "o começo de toda instrução consiste no estudo dos nomes". (Crátilo, 435d.).

O milagre do gênio grego consistiu em dar um conteúdo à palavra razão – diz o autor francês citado – e dentro dessa concepção originária. Para Platão os Números e as Figuras preexistem no Mundo inteligível das Idéias: nós não as criamos graças a convenções livres do nosso espírito, nós as descobrimos pelos olhos da alma". (L. Rougier – op. cit., p. 57).

A bibliografia de Platão e suas obras é vultosa, especialmente em alemão. Nesse sentido veja o livro de O. Gigon – PLATON – Berna, 1950. Sobre o papel da investigação lingüística em Platão aconselha-nos O. Ducrot a ver Goldschmit "LES DIALOGUES DE PLATON", Paris, 1947.

Cassirer, no capítulo primeiro da FIS, examina o idealismo platônico ao considerar "O Problema da Linguagem na História da Filosofia". Ocupa-se mais largarmente, nesse sentido, do Crátilo (CRATYLUS 388A, 438Dff), e da "Sétima Carta" (SEVENTH EPISTLE 3422H) e, por último, de algumas idéias vindas a lume no FÉDON (Phaedo 99D).

(2) Aristóteles fundamentou a verdade do conhecimento humano não num mundo ideal transcendente, como Platão, separado das coisas da experiência, mas nas formas que as coisas contêm e que constituem o correlato real das idéias da mente humana. Na formação e desenvolvimento do conhecimento humano cooperam a experiência sensível e a abstração do entendimento. Além das idéias de Aristóteles expostas no "DE INTERPRETATIONE", aliás difíceis de conciliar com o seu anterior enfoque verbal, não devemos esquecer as que expendesobre a linguagem em a "Poética", nas quais alude às operações de que a linguagem é o instrumento e que – segundo Dilthey – foi criação do filósofo grego.

Mauthner, um autor alemão, observa que "se Aristóteles houvesse falado chinês ou dacota, deveria ter adotado uma lógica em tudo diferente ou, pelo menos, uma teoria das categorias completamente distinta".

L. Rougier, pensador francês, não diz qual o ironista que assim se expressa: "A História da Filosofia é apenas um prolongamento do jogo de palavras sobre a palavra *ser*. Mas dedica todo um parágrafo do seu livro, antes citado, acerca de "O ser como fato lingüístico da língua grega", que inicia o capítulo

sobre a "Metafísica de Aristóteles. Expressa-se aí da seguinte forma: "A metafísica ocidental consiste na análise ontológica da palavra *ser*. Esta análise repousa sobre múltiplas confusões próprias da língua grega".

Boécio (480-535 ou 525) foi tradutor em latim e comentarista do DE INTERPRETATIONE. Aliás, devem-se a ele comentários a diversas obras do Estagirita . Há várias traduções das obras filosóficas de Aristóteles; das mais importantes há versões em alemão, inglês, francês, espanhol, italiano e português. Sobre Aristóteles e o aristotelismo é extensa a bibliografia, no século atual, especialmente em língua alemã.

(3) Pedro Abelardo, essa grande figura do Medievo, entre outras atividades intelectuais – no dizer de Brugger – efetivou "análise crítica dos conteúdos da consciência, guiado pela linguagem". Fundador do método escolástico pela fórmula do SIC ET NUNC, que consiste na utilização de autoridades pró e contra. Não gozou existência venturosa o monge pensador: além do amor infeliz, que se tornou célebre, foi, em defesa de suas idéias, duas vezes condenado – no Concílio de Soissons, em 1121, e no de Sens, em 1141.

Como Roscelino, seu mestre, na discussão acerca da Santíssima Trindade, teve de enfrentar as objeções de Santo Anselmo, Pedro Abelardo encontrou como adversário veemente São Bernardo de Claraval, a quem L. Rougier intitula de "campeão da ortodoxia".

Para mestre e discípulo os "universais" são simples FLATUS VOCIS.

(4) Guilherme de Occam, um franciscano formado na Universidade de Oxford, distingue o conhecimento intuitivo e o abstrato. O primeiro concerne às coisas singulares, existentes atualmente, e nos apresenta uma evidência imediata que garante sua realidade. Os termos com que designamos os seres singulares existentes, tais como "esta árvore", "esta pedra", "este homem que corre", correspondem a substitutos e têm o poder de os substituir (SUPOONERE PRO RE SINGULARIS). Basta, com efeito, pronunciá-los para evocar as realidades que eles designam. Occam chama-os *termos de primeira intenção*. O conhecimento abstrato que se refere a noções gerais é um conhecimento confuso. Um conceito universal é como essas imagens

galtonianas que se obtêm superpondo as fotografias de vários membros da mesma família e que os lembram todos, de maneira esbatida e indecisa, sem se parecer com nenhum. Os termos que designam estas noções chama-os Occam de *termos de segunda intenção*. A ciência refere-se aos *termos de primeira intenção*.

A lógica concerne aos *termos de segunda intenção*, como o gênero, a espécie, os universais.

São regras de linguagem, as quais não incidem sobre os fatos, mas se referem ao que nós dizemos. É porque elas não tratam de algum objeto que nada têm a temer do controle experimental e podem pretender à universalidade e à certeza". À descoberta da verdadeira natureza das proposições A PRIORI permitiu vencer as dificuldades levantadas pelos racionalistas contra os empiristas. (Rougier, p.182). Na bibliografia recente do autor que enfocamos neste parágrafo cabe menção ao volume, da autoria do jesuíta Teodoro de Andrés, intitulado "EL NOMINALISMO DE GUILHERMO DE OCKHAM COMO FILOSOFIA DEL LENGUAJE" (Biblioteca Hispano de Filosofia - Gredos – Madrid).

(5) Santo Agostinho e São Tomás de Aquino viveram – como se sabe – em épocas muito distantes, mas os seus pensamentos são, de ordinário, contrastados em pontos importantes da exegese cristã. Entre os dois maiores filósofos da Igreja são frisadas contraposições no campo da epistemologia e da metafísica. "A doutrina agostiniana do conhecimento – escreve W. Brugger – como contato com as idéias divinas é abandonada e recebe nova interpretação. O homem tira os primeiros conceitos não do seu espírito, senão dos sentidos, pela força espontânea do entendimento agente e, com a ajuda deste, sem particular assistência de Deus chega à certeza dos primeiros princípios. A metafísica estriba na analogia do ser. São Tomás de Aquino aplica a teoria da potência e do ato não só à matéria e à forma, concebendo, então, a matéria como pura potencia, mas também à relação de essência e existência no ser criado, cuja limitação se fundamenta na potencialidade de essência"; (Op. cit. – p. 410-411). Em divergência com S. Tomás o augustinismo aceita as doutrinas básicas mais importantes de Aristóteles.

No tocante à filosofia da linguagem tem-se dado, por certo, maior significação à obra do bispo de Hipona do que à do Doutor Angélico. Agostinho, considerado por Von Aster a personalidade mais vigorosa da Patrística, expõe no livro X das "Confissões" idéias sobre o tempo, que se projetam até nossa época.

(6) Em síntese, o empirismo se esforça, em seu APPROACH à linguagem, não em relacionar o fato lingüístico a um ideal lógico, antes, porém, a compreendê-lo em sua pura faticidade, em sua origem e propósito empíricos. Em lugar da linguagem perdida numa utopia lógica, ela procura conhecê-lo apenas em sua realidade e função psicológicas (Cassirer).

Para se libertar da mentalidade escolástica fora preciso guiar múltiplos combates: libertar-se da autoridade de Aristóteles, abalar em Física e, de maneira geral, nas ciências, o jugo da Teologia; chegar a uma teoria correta do conhecimento, em particular do papel da abstração na formação das idéias gerais: substituir a dedução A PRIORI, fundada sobre princípios evidentes pelo método A POSTERIORI, baseado na indução; interpretar corretamente a apresentação das ciências formais das da natureza. Trecho bastante esclarecedor sobre o tema em análise se acha na obra de Rougier, a que tanto recorremos. Desenvolve o pensador francês aspectos essenciais do empirismo até alcançar sua feição mais moderna, de novos alcances teoréticos – o chamado *empirismo lógico*, nascido no primeiro terço desta centúria, com a doutrina do famoso *Círculo de Viena*, ao qual se pode ligar a personalidade de um filósofo como Wittgenstein. Este grupo de pensadores, reunidos em torno de Moritz Schlick, tiveram o "mérito de ter evidenciado a natureza das leis da Lógica".

A propósito expressa-se o autor de "Metaphysique et Langage", de forma sucinta mas concludente: "As leis da Lógica não são as leis mais gerais do ser".

(7) Descartes e Leibniz são os dois pensadores que E. Cassirer situa, depois de Platão, como representantes do idealismo, ao estudar o problema da linguagem na História da Filosofia. A carta de R. Descartes a Mersenne, apontada como o único lugar onde ele toca no problema filosófico da linguagem, é datada de 20 de novembro de 1620 e se acha em CORRESPONDANCE,

editado por Adam-Jannery (v. I, ff. 90).

Vimos, no entanto, a importância que alcançou um épigono do autor do DISCOURS DE LA MÉTHODE para a lingüística moderna. Jéraud de Corsemory um cartesiano menor – como diz Etienne Gilson – saiu da obscuridade devido a Noam Chomsky, que o valorizou. Sua obra DISCOURS PHYSIQUE DE LA PAROLE é apresentada, junto com uma bio-bibliografia do autor, em 1968, em edição crítica, patrocinada por Pierre Clair e François Gorbal, integrando a série OEUVRES PHILOSOPHIQUES (Paris, P.U.F.).

Já em Leibniz o pensamento projeta-se com maior intensidade e significação no campo da filosofia da linguagem. Para ver o tema com detalhe veja o livro da autoria de E. Cassirer, intitulado LEIBNIZ' SYSTEM IN SEINEN WISSENSCHAFTLICHEN GRUNDLUGEN,editado em Marburgo, N. Ct Elwert, 1902 (pp. 105ff., 487ff.), bem assim L. Conturat – LA LOGIQUE DE LEIBNIZ – F. Alcan – Paris, 1901 – especialmente caps. 3-5. Observações de Leibniz sobre a carta de Descartes a Mersenne encontram-se em OPUSCULES ET FRAGMENTS DE LEIBNEIZ – ed. Conturat – F. Alcan - Paris, 1903 – pp. 27ff. Idéias de interesse ao tema se encontram em MEDIDATIONES DE COGNOTIONE, VERITAT ET IDEIS (1684), da autoria de Leibniz (PHILOS. SCHRIFTEN, ed. Gerhardt, 4, 422ff.). No mesmo sentido, cita-se ainda "REPONSE AUX REFLEXI DE BAYLE (id., 4. 4, 563). Acerca da ideia da "*língua* adâmica", cf. Leibniz – PHILOS. SCHRIFTEN; 7, 198-199, 204-205) e Berkeley – Nouveaux ESSAIS SUR L'ENTENDIMENT – 3, ch. 2 (PHILOS. SCHRIFTEN 5, 260).
Acerca da teoria da linguagem de Hamann, e sua posição dentro do conjunto de sua "filosofia simbólica" menciona-se o trabalho de R. Urger – HAMANN SPRACHLEHRE IM ZUSAMENHANG SEINES DENKEN, publicado em Munich, 1905.

Podem apreciar-se os pontos de vista de Giambattista Vico sobre a origem da linguagem em sua obra capital LA SCIENZA NUOVA (Nápoles, 1811), 2, 7ff, BK. 22: "DELLA SAPIENZA POETICA sec. 2, ch. 4. Veja-se J Cr Bergin e M. Fisch – "THE NEW SCIENCE OF GIAMBATTISTA VICO – Ithaca, Cornell University Press, 1948 – p. 435.

Apreciando certo ponto das idéias de Herder, E. Cassirer observa que aqui o geral conceito de forma lingüística sofre uma

decisiva transformação, assinalando a transição do mais antigo conceito racionalista de "forma reflexiva", que dominou a filosofia da Iluminação, ao conceito romântico de "forma orgânica".

Dentro da Filologia o novo conceito foi decisivamente introduzido através do ensaio "ÜBER DIE SPRACHE UND WEISCHEIT DER INDIER".

(8) A produção de Herder aludida intitula-se: "ÜBER DEN URSPRUNG DER SPRACH", publicada em 1772, ed. B. Suphan, WERKE, 5, 34ff.

Em verdade, denotamos, neste parágrafo, a metodologia geral de Cassirer na elaboração do Capítulo I da FFS: "O Problema da Linguagem na História da Filosofia" Aceita-se um consenso no modo de apreciar filosoficamente a natureza do fenômeno lingüístico, da parte de certos autores. No caso: Vico, Hamann, Herder, apesar de distanciados no tempo e na apresentação intelectual.

Importante ao estudo do Romantismo é "DE SPRACHPHILOSOPHIE DER DEUTSCHEN ROMANTIK, da autoria de Eva Fiesel (J.C. B, Mohr, 1927).

(9) E. Gilson cita a Condillac segundo a edição coletiva de suas OEUVRES, edição de Georges Le Roy – 3 volumes – PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE – Paris, 1947, 1948, 1951.

No século XVIII, Condilac e Diderot, junto a Lamettrie, Holbach e outros, são considerados formadores do "materialismo pleno" (Brugger). A produção do último, enfocada como de interesse à filosofia da linguagem – "LETTRES SUR LES SOURDS ET MUETS" – está em OEUVRES – ed. NAIGEON – Paris, 1798, 2, 322ff.

De Condillac (E. B. de) destaque-se ainda o trabalho "LA LANGUE DES CALCULS" – OEUVRES, publicado em Paris, no ano de 1798 (vol. 23).

(10) Wilhelm von Humboldt, o pensador germânico, publicou trabalhos que o fazem considerar o verdadeiro iniciador dos estudos de filosofia da linguagem, como peculiar disciplina filosófica.

De sua valiosa bibliografia destacamos ÜBER DIE VERSCHIEDENHEIT DES MENSCHLIECHEN SPRACHBAUES ("VERSTUDIES ZUR EINLEITUNG ZUM KAWI-WERKE"), WERKE, GESAMMELTE SCHRIFITEN (AKADEMIE ED.) 6, N. 1. 125ff. Consulte-se ainda ÜBER DAS VERGLEICHENDE SPRACHSTUDIUM", WERKE, 7, N. 1, 59ff.

De E. Cassirer procede a monografia "DIE KANTISCHEN ELEMENTE IN WILHELM VON HUMBOLT'S SPRACHPHILOSOPHIE", publicada em FESTSCHRIFT ZU PAUL HANSELS 60 Geburstag.

Ao livro "GUILLERMO DE HUMBOLDT Y LA FILOSOFIA DEL LENGUAJE, da autoria de José Maria Valverde, há, em apêndice, uma versão espanhola da produção fundamental de Hamboldt. Sobre o ensaio de Valverde escreveu F. Seraine comentários, em língua portuguesa, na "Revista de Portugal" (Lisboa, 1960).

Devemos lembrar a carta de Humboldt a Wolf (1805), que revela como cedo o pensador tedesco começou a interessar-se pelos temas linguísticos e o magistral estudo de E. Cassirer sobre a filosofia da linguagem do mestre, trazendo como título o nome deste e ocupando extenso parágrafo na "Filosofia das Formas Simbólicas" (vol. I, pp. 155 a 162 da ed. inglesa cit.).

Trecho bastante expressivo do pensamento de Humboldt, que adiante transcrevemos, é extraído por O. Ducrot, de "ÜBER DEN DUALIS", 827, "Obras Completas" (Berlim, 1907, T. VI, p. 23). Diz o filósofo: "A língua não é um simples meio de comunicação, mas a expressão do espírito e em sociedade é o auxiliar indispensável de seu desenvolvimento, mas de modo nenhum o fim para que tende". (Ducrot, op. cit., p. 398).

(11) Já Hegel afirmava que é somente como cultura atualizada na linguagem e em outras formas simbólicas relacionadas à linguagem, que a vida emerge da esfera do "meramente natural", dado na existência. Em síntese, que a linguagem é "a atualidade da cultura". A linguagem, inseparável do pensamento e da cognição, não é moldada sobre a realidade; antes é o molde em que a realidade como significante é primeiro dada. Este o IDEALISTIC MINIMUM que deve estar presente em uma adequada filosofia da linguagem. (Urban). Idéias como estas, de autêntico fundamento hegeliano, são de importância capital no de-

senvolvimento do saber filosófico sobre a linguagem e a cultura, mas também como base de concepções teóricas nos domínios da Lingüística e da Culturologia.
Em síntese – de acordo com as expressões de Urban – é indubitável que a dialética hegeliana envolveu uma crítica da linguagem.

Aos interessados pelo pensamento de Hegel em relação com a filosofia da linguagem não deve passar despercebido o estudo de Charles W. Hendel que figura como Introdução à edição inglesa da PHILOSOPHIE DER SYMBOLISCHEN FORMEN (vol. I. – New Haven, 1953). Encontram-se aí dois parágrafos "Hegel" e "Cassirer and Hegel in contrast" que exigem leitura acurada. Pode-se ver aí como pensa sobre a linguagem o Hegel da "Fenomenologia do Espírito" (PHÄNOMELOGIE DES GEISTES, 1806).

(12) A Fenomenologia e a linguagem, em E. Husserl e o Existencialismo de N. Heiddeger são capítulos dignos de ressalto na obra LA MÉTAPHYSIQUE ET LE LANGAGE, da autoria de Louis Rougier (Flamarion – Paris, 1960). No ensejo, destacamos, neste livro, o cap. XI – "LA LANGUE PHILOSOPHIQUE ALLEMANDE", em que nos esclarece, logo de início, que "se a metafísica tradicional nos pareceu condicionada, em grande parte, pelas particularidades da língua grega, conviria dizer que a filosofia alemã foi, de seu lado, pelas características da língua alemã" (p. 101). Transcrevemos ainda, a propósito, estas suas observações: "A substanciação dos verbos conduz ao realismo conceitual intemperante"... "o ontologista alemão arrisca-se a criar toda uma mitologia verbal, fazendo-nos regressar à época em que os *nomina* eram considerados *numina*" (pp. 192-193). Cita-se então a obra de Gustav Siewerth "ONTOLOGIE DU LANGAGE (1958, pp. 58 e 63).

O trabalho de Gaston Berger – "LE COGITO DANS LA PHILOSOPIE D'HUSSERL" é citado em trechos de Rougier (op. cit.) referentes à "Redução fenomenológica" e "A Fenomenologia e a Linguagem", onde há conceituações do seguinte teor: "Toda expressão é, pois, necessariamente inadequada. Ela não terá senão o valor de uma indicação analógica, utilizável somente para aquilo que faz por sua conta as experiências transcendentais". As palavras – aduz Rougier – servem apenas para nos orientar para as realidades que nos será preciso, por um ato de intui-

ção, apreender "em si próprias".

A intersubjetividade no processo da comunicação lingüística está compreendida naquela "analítica do DASEIN", que é considerada o ponto de partida da filosofia de Heidegger. O MITSEIN e o AUCH-SEIN são constituintes de nossa própria existência, o que Heidegger chama existenciais do DASEIN, só existe Eu em relação com o Outro, *Ego* em relação com o *Alter*.

(13) Com a monografia citada, A. Gomensoro inaugura, em 1956, uma coleção de obras análogas sobre outros filósofos, patrocinada pelo Departamento de Lingüística do Instituto de Filologia da Universidade de Montevidéu. Apesar de conter pouco mais de 60 páginas, nesse opúsculo o tema é abordado com proficiência por alguém que então já era professor de Filosofia de Linguagem no Instituto de Estudos Superiores da capital uruguaia.

LOGIC, THE THEORY OF INQUIRY, de Dewey, foi lançada em 1938, por esse notável pragmatista da Escola de Chicago.

(14) O valioso trabalho de U. Rein é outra das realizações do Departamento de Lingüística da Universidade de Montevidéu, nessa fase áurea em que os estudos sobre a linguagem estiveram sob a orientação de E. Coseriu.

Uma notável coincidência histórica – observa C.W. Hendel – foi a do ano da publicação de SUBSTANCE AND FUNCTION na América e a data de PHILOSOPHIE DER SYMBOLISCHEN FORMEN: DIE SPRACH em alemão (Berlim, Brune Cassirer). Foi importante para a divulgação de sua obra, principalmente a sua permanência como professor nas universidades de Yale e Colúmbia, nos Estados Unidos.

A razão pela qual foi chamado à Yale University, do seu exílio na Suécia, foi, sem dúvida, o reconhecimento do significado da FFS.

A edição de que nos servimos é a da tradução inglesa de Ralph Manheim, com prefácio e introdução de Charles W. Hendel.

(15) Ressaltamos, como bastante válida aos estudos croceanos, a versão castelhana da *Estética*, volume integrante da BIBLIOTECA MODERNA DE FILOSOFIA Y CIENCIAS SOCIALES, editada por Francisco Beltran (Madrid, 1926).

Além do Prólogo, da autoria do pensador espanhol Miguel de Unamuno, cuja nota pessoal marca sempre as suas apreciações críticas, esta 2ª edição do grande livro na língua de Cervantes é acompanhada de uma NOTA DEL EDITOR e de uma ADVERTENCIA DEL AUTOR, ambas de relevante categoria documental. No primeiro contributo declara o seu autor que recolhe aí da importante produção de Giovanni Castellano sobre Croce os elementos com que compõe a bio-bibliografia do insigne pensador. Por fim, nos apresenta uma relação dos principais "trabalhos acerca de Croce", reunidos por Castellano até 1920. Na *Advertência* o próprio Croce nos fornece aspectos valiosos da história espiritual da sua *Estética*, desde quando não passava, em seu núcleo teórico, de Memória que "com o título de TESIS FUNDAMENTAL DE UNA ESTÉTICA COMO CIENCIA DE LA EXPRESIÓN Y LINGÜÍSTICA GENERAL" foi lida na Academia Pontaniana de Nápoles, nas sessões dos dias 18 de fevereiro, 18 de março e 6 de maio de 1900, que foi logo publicada no volume XXX das respectivas *Actas*. Modificações em sua parte teorética, como na histórica, sofreu depois essa obra extraordinária, em que o autor se preocupava, até ao revê-la, em modificá-la na exposição, para tornar o seu estilo mais claro e simples. Trabalhou bastante ainda o seu espírito para tornar a sua obra mestra – "ESTÉTICA COME SCIENZA DELL' ESPRESSIONE E LINGÜÍSTICA GENERALE" (5ª edição, revista em 1925).

Amado Alonso, o notável filólogo e lingüista espanhol, que trabalhou vários anos no campo da sua especialidade, em Buenos Aires, escreveu o prólogo da edição citada da "Filosofia da Linguagem", de Karl Vossler, bem assim, de parceria com R. Lida, os oportunos comentários aos capítulos da aludida obra, os quais antecedem a estes sob o título de *Guia*.

A nosso ver, mesmo no livro apontado, as verdadeiras especulações filosóficas, STRICTO SENSU, não ocupam integralmente o pensamento do autor enfocado, que, de certo, as manteve como fundamento de suas valiosas produções na área da teoria lingüística e da Estilística, em que se distinguiu, ao lado de L. Spitzer, H. Haltsfeld e outros.

No que apresenta realmente de filosofia Cassirer destaca as poderosas influências de Hegel e Humboldt, indicando seus livros: POSITIVISMUS UND IDEALISMUS IN SPRACHWISSENCSCHFT E SPRACHE

ALS SCHOPFUNG UND ENTWICKLUNG, vindas a lume, respectivamente, em 1904 e 1905.

(16) Na primeira metade do século atual os filósofos ingleses, em sua maioria, se intitulam "filósofos da linguagem" e chamavam a sua investigação no campo das idéias de *filosofia analítica*. Na esteira mental de um lógico neo-positivista como R. Carnap e inspirados em obras de G.E. Moore, B. Russell e L. Wittgenstein, defendendo esses pensadores que a maior parte daquilo que foi escrito em filosofia é não falso, mas sem sentido, e só obtém a sua aparente profundidade de uma utilização imprópria da linguagem vulgar: os pretensos "problemas filosóficos" desaparecerão quando se tiverem submetido à análise os termos em que são postos.

A partir dessa atitude, aparecem no interior da "escola" divergências quanto ao valor da linguagem. Para alguns o erro dos filósofos deve-se a certa inconsistência própria da linguagem e que foi transferida sem crítica para a investigação filosófica. Baseiam-se no fato de a linguagem vulgar ser mal feita, e de os filósofos se não terem apercebido do mesmo.

Lewis Carroll e o próprio Russell fundamentam a argumentação nesse rumo ideológico com ambigüidades, verdadeiros erros gramaticais e semânticos extraídos da linguagem comum. "Estas tendências – observa O. Ducrot – aparecem na primeira grande obra de L. Wittgenstein, o TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS, traduzida em francês por P. Klossowski, Paris, 1961. (A edição brasileira do TRACTATUS, efetuada pela Editora da Univ. de São Paulo (1993) possui o mesmo título do original inglês, de que é tradução, vindo a lume em 1961 (Routledge & Kegan Paul Ltd.). Elas são partilhadas pelos filósofos que se reclamam diretamente do neo-positivismo de R. Carnap cf. Y. Bar Hillel – "ANALYSIS OF "CORRECT "LANGAGE", MIND, 196 – pp. 328-340). Contrária é a posição adotada geralmente pela escola analítica, da corrente de Oxford, cujos adeptos se intitulam *filósofos da linguagem vulgar*. Sua tese principal está contida na proposição: o sentido é o uso (MEANING IS USE), ou mais precisamente, descrever o sentido de uma palavra é dar o seu modo de emprego, indicar quais os atos de linguagem que ela permite realizar. Não deve, portanto, dizer-se que a língua é ilógica; ela tem uma lógica particular, que se aproxima mais

da lógica e da ação que da lógica das matemáticas, e que os filósofos não discerniram. Este segundo ramo da filosofia analítica liga-se às INVESTIGATIONS PHILOSOPHIQUES de L. Wittgenstein e tem como representante mais destacado J. – L. Austin (PHILOSOPHICAL PAPERS (Oxford, 1961).

Lingüistas como E. Benveniste e J.R. Searle são notadas pelo interesse que lhes despertou a filosofia da linguagem nesta área de suas investigações.

(17) Étienne Gilson, pensador francês, com filiação à neo-escolástica, em que se apresenta como investigador histórico, historiador da filosofia.

Ocupa-se do pensamento de Condillac, o notável *iluminista* seu patrício, sobre a linguagem, destacadamente no valioso ensaio com que inicia a sua obra "Lingüística e Filosofia". De parceria com Thomas Langan, enfoca o aspecto cartesiano de certas idéias de Condillac e publica MODERN PHILOSOPHY, DESCARTES TO KANT – Nova Iorque, 1963 – Random House.

(18) Além do trabalho mencionado de A. J. Ayer, estão relacionados,em alguns pontos, com os nossos temas lingüísticos as seguintes produções do mesmo autor: "LANGUAGE, TRUTH AND LOGIC" (1946) e o artigo intitulado "A DEMONSTRATION THAT METAPHYSICS IS IMPOSSIBILE", saído a lume em MIND, vol. XLIII, pp. 335-345.

(19) A idéia de uma relação entre a divisão da sociedade em classes, vistas sob um critério sócio-econômico, e o falar dos seus integrantes prevaleceu durante certo tempo na antiga República Soviética, em consonância com a doutrina de Marx, o prestigiado lingüista russo. O materialista-dialético J. Satlin, sem desviar-se essencialmente do pensamento marxista, com aguda percepção do problema lingüístico, desfez esse mito que lograra aceitação entre os seus compatriotas.

Devido à sua excentricidade, Mikhail Bakhtin é o mesmo V. Volochinov, citado em obras conhecidas como "Introdução à Socio-linguística", de Marcellesi e Gardin, e "Dicionário das Ciências da Linguagem", da lavra de O. Ducrot e T. Todorov.

Referências Bibliográficas

1 – Cassirer, Ernst – The Philosophy of Simbolic Forms – Vol. I – Yale University Press. New Haven, 1953; p. 187(versão inglesa do original alemão).

2 – Machado, José Pedro – *Breve História da Lingüistica* – Inquérito – Lisboa, 1965 – p. 19 (2ª edição).

3 – Gilson, Étienne – Lingüística y Filosofia – Gredos – Madrid, 1974 – pp. 254 e segs. (versão espanhola do original francês).

4 – Ogden, C.K. e Richards, I.A. – El Significado del Significado – Paidos – Buenos Aires, 1954 (versão espanhola da 10ª edição inglesa) – p. 60 e notas ao pé da pág.

5 – Cassirer, Ernst – The Philosophy os Symbolic Forms cit. – p. 187.

6 – Câmara Jr., Joaquim Mattoso – *História da Lingüística* – Vozes. Petrópolis, 1975 – p. 18.

7 – Lalande, André – Vocabulaire Tecnique et Critique de la Philosophie – Há tradução espanhola da 5ª edição – Ed. Ateneo – Buenos Aires, 1953 – V II – pp. 877 e 1095.

8 – Gilson, E. – Op. cit. – p. 140 nota.

9 – André, Teodoro de – Op. cit. – Gredos. *Biblioteca Hispánica de Filosofia* – Madrid.

10 – Gilson, E. – Op. cit – p. 53 – nota 22.

11 – Von Aster, Ernst – História de la Filosofia – Laber – Barcelona, 1935 – pp. 176-177.

12 – Santeler, J. – In Brugger, W. – Dicionário de Filosofia – p. 296.

13 – Rangier, Louis – La Métaphysique et le Langage – Flanmarion – Paris, 1960 – V. pp. 14, 97, 154 e, especialmente, 158-159-160.

14 – Gilson, E. – Op. cit. – p. 59 nota 1.

15 – *Id. Ib.* – loc. cit.

16 – *Id. Ib.* – pp. 152 e passim.

17 – Cassirer, Ernst – Op. cit. – pp. 127-128.

18 – Chomsky, Noam – *Lingüística Cartesiana* – Vozes – Petrópolis, 1972 – p. 13 (trad. portuguesa do original inglês).

19 – *Id. Ib.* – p. 14.

20 – *Id. Ib.* – p. 16.

21 – Gilson, Étienne – Op. cit. – p. 82.

22 – Cassirer, E. – Op. cit. – p. 129.

23 – Von Aster, E. – Op. cit. – pp. 254-255.

24 – Cassirer, E. – Op. cit. – pp. 130 e 132.

25 – Von Aster, E. – Op. cit. – p. 225.

26 – Cassirer, E. – Op. cit. – p. 133.

27 – *Ibidem*, p. 134.

28 – Gilson, É. – Op. cit. – pp. 153-154.

29 – Von Aster, E. – Op. cit. – p. 230.

30 – *Ibidem* – pp. 230-231.

31 – Cassirer, E. – Op cit. – p. 136 e 138.

32 – *Ibidem* – Op. cit. – p. 138.

33 – Von Aster, E. – Op. cit. – p. 246.

34 – Cassirer, E. – Op. cit. – pp. 138-139.

35 – *Ibidem* – pp. 139-140.

36 – Von Aster, E. – Op. cit. – p. 276.

37 – Cassirer – Op. cit. – p. 141 e 142.

38 – *Ibidem* – p. 142.

39 – *Ibidem* – pp. 142-143.

40 – *Ib.* – pp. 143-144.

41 – Von Aster – Op. cit. – p. 275

42 – Gilson, Étienne – Op. cit – V. pp. 17 e 18.

43 – *Ibidem* – p. 20.

44 – *Ib.* – p. 22.

45 – Cassirer, E. – Op. cit. – pp. 147-148.

46 – *Ibidem* – pp. 151 e 152.

47 – *Ib.* – p. 150.

48 – *Ib.* – pp. 149-150.

49 – *Ib.* – pp. 150-151.

50 – *Ib.* – p. 151.

51 – Brugger, Walter – *Dicionário de Filosofia*. Epu – São Paulo, 1977 – p. 496. (3ª edição brasileira).

52 – Von Aster – Op. cit. – pp. 298-299.

53 – Cassirer, E. – Op. cit. – p. 153.

54 – *Ibidem* – pp. 153-154.

55 – Brugger, W. – Op. cit. – pp. 364-365.

56 – Von Aster – Op. cit. – p. 313.

57 – Cassirer, E. – *Ibidem* – pp. 154-155.

58 – Von Aster – Op. cit. – p. 328.

59 – *Ibidem* – p. 322.

60 – *Ibidem* – p. 326.

61 – Ureban, W. U. – LANGUAGE AND REALITY – George Allen & Unwin – Londres, 195 – p. 30.

62 – *Ibidem* – pp. 30-31-32.

63 – Cassirer, E. – *Ibidem* – pp. 83-84.

64 – *Ibidem* – p. 165.

65 – Hendel, Charles W. – Introdução à mesma obra de Cassirer (edição citada) – pp. 34 e 62.

66 – Von Aster, E. – pp. 300-301.

67 – Cassirer, E. – Op. cit – pp. 155-156.

68 – Gilson, E. – Op. cit. – pp. 111-112.

69 - Seraine, F. - *Guilherme de Humboldt e a Filosofia da Linguagem* - In "Revista do Instituto do Ceará" - Tomo 97 - Fortaleza, 1983 - pp. 205 e segs.

70 - Croce, Benedetto - Estética - Francisco Beltrán - Madrid, 1926 - p. 352 (versão espanhola do original italiano).

71 - *Ibidem* - pp. 352-353.

72 - *Ibidem* - p. 355.

73 - Valverde, José Maria - GUILHERMO DE HUMBOLDT Y LA FILOSOFIA DEL LENGUAJE - Madrid, 1955 - pp. 57-58.

74 - Seraine, F. - Art. cit.

75 - Cassirer, E. - Op. cit. - pp. 281, 282 e 283.

76 - *Ibidem* - pp. 233 e 278.

77 - Brugger, W. - Op. cit. - p. 507.

78 - Bochenski, J.M. - LA FILOSOFIA ACTUAL - FONDO DE CULTURA ECONÓMICA - México, 1951 - p. 146 (2ª ed. em espanhol).

79 - *Ibidem* - p. 149.

80 - *Abreviatura de Investigações Lógicas de Husserl* - REVISTA DE OCCIDENTE ARGENTINA - Buenos Aires, 1949 - pp. 153-154.

81 - *Ibidem* - pp. 154 e 157.

82 - *Ibidem* - pp. 158-159.

83 - *Ibidem* - pp. 156-157, 157-158, 159-160, 160-161 e segs., especialmente p. 168.

84 - *Ibidem* - pp. 169-170.

85 - Bochenski, J.M. - Op. cit. - p. 149.

86 - *Ibidem* - pp. 151-152.

87 - Pos, Hendrik Josphus - FENOMENOLOGIA E LINGÜÍSTICA - In "REVISTA INTERNATIONALE DE PHILOSOPHIE" - I, 2, 1939 - Fasc. dedicado a Husserl - pp. 354 e segs.

88 - Bochenski, J. M. - Op. cit. - pp. 135-136.

89 - Lalande, André - Op. cit. -Vol. I - p. 68.

90 – Gomensoro, Arnaldo – JOHN DEWEY Y LA FILOSOFIA DEL LENGUAJE – *Departamento de Lingüística do Instituto de Filologia da Universidade* – Montevidéu, 1956.

91 – Idem – *Ibidem.*

92 – *Ibidem.*

93 – *Ibidem.*

94 – *Ibidem.*

95 – *Ibidem.*

96 – *Ibidem.*

97 – *Ibidem.*

98 – *Ibidem.*

99 – *Ibidem.*

100 – *Ibidem.*

101 – Bochenski – Op. cit. – pp. 111-112.

102 – Hendel, C.W. – Jr cit. – p. 2 (Introdução à FFS cit.).

103 – Rein, Mercedes – FILOSOFIA DEL LENGUAJE DE ERNEST CASSIRER – Departamento de Lingüística da Universidade – Montevidéu, 1959.

104 – *Id. Ib.*

105 – *Ibidem.*

106 – Valverde, José Maria – Op. cit. – pp. 82 e segs.

107 – Hendel, C.W. – Jr. cit. – pp. 35, 36, 39 e 63.

108 – *Ibidem* – Loc. cit. – V. também Cassirer, E. – LAS CIENCIAS DE LA CULTURA – FONDO DE CULTURA ECONÓMICA – México, 1951 – pp. 63 e passim (versão espanhola do original alemão).

109 – Von Aster, E. – Op. cit. – p. 377.

110 – Bochenski, J. M. – Op. cit. – pp. 92-93.

111 – Croce, B. – Op. cit. – p. 178.

112 – *Ibidem* – pp. 178-179.

113– *Ibidem* – p. 180.

114– *Ibidem* – pp. 185 e 186.

115– *Ibidem* – V. especialmente pp 350, 351, 354 e 355.

116– *Ibidem* – pp. 352-353. V. ainda, Valverde, J.M. – Op cit. - pp. 63 e segs.

117– Alonso, Amado – Prefácio à "FILOSOFIA DEL LENGUAJE", de Karl Vossler – Losada – Buenos Aires, 1947 – p. 13.

118– Vossler, Karl – Op. cit. (2ª edição em espanhol do original alemão: GESEMMELTE AUFSÄTZE ZUR SPRACHPHILOSOPHIE).

119– Câmara Júnior, Joaquim Mattoso – Op. cit. – p. 138.

120– Cassirer, E. – THE PHILOSOPHY OF SYMBOLIC FORMS cit. – pp. 70 e 174-175.

121– Bochenski, I. M. – Op. cit., p. 70.

122– Von Aster, E. – Op. cit., p. 394

123– Bochenski, I. M. – Op. cit., 73.

124– *Ib.*, p. 74.

125– *Ib.*, p. 74.

126– *Ib.*, p. 75.

127– Von Aster, E. – Op. cit., p. 396.

128– Gilson, E. – Op. cit., – passim.

129– *Ib.*, p. 56 e 65 nota 6 – V. TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS – EDUSP – São Paulo, 1993, PP. 165 e segs.

130– *Ib.*, p. 204 e 206-207.

131– *Ib.*, p. 207-208 e 208-209.

132– Barraud, Ib. – J. - CIÊNCIA Y FILOSOFIA – Gredos – Madrid 1971 (Versão espanhola do original francês)

133– *Id. Ib.*, p. 80-81.

134– *Ib.*, p. 104.

135– *Ib.*, p. 343.

136– *Ib.*, p. 85.

137– Alston, P. W. – *Filosofia da Linguagem*. Zahar, Rio de Janeiro, 1977, p. 18 (Versão Portuguesa do Original inglês)

138– *Ib.*, p. 18-19.

139– *Ib.*, p. 19.

140– Bochenski, I. M. – Op. cit., p. 176-177 e 178.

141– Coseriu, E. – *Sincronia, Diacronia e História*. Montevidéu, 1938, p. 40.

142– *Id. Ib.*, p. 96.

143– *Ib. Ib.*, p. 97-98, V. nº 55, ao pé das pp. cits.

144– Dória, J. A. – *Marcuse – Vida e Obra*. Rio, 1974, p. 78 e segs.

145– Heidegger, M. – *Ser e Tempo*. Vozes, Petrópolis, 19.

146– Brugger, W. – Op. cit., p. 534.

147– Ayer, Alfred J. – El Problema del Conocimiento. Eudeba, Buenos Aires, 1962.

148– Bochenski, I. M. – Op. cit., p. 72.

149– Ayer, A.J. – Op. cit., p. 70-74-76-79 e 82.

150– *Ib.*, p. 246 e segs. e 257 e segs.

151– Urban, W.M. – Op. cit., p. 220 e 652 nº 1.

152– Carnap, R. – Ap. Urban – Op. cit., p.– 160.

153– Urban, W. M. – Op. cit., loc. cit.

154– Bakhtin, M. – *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. HUCITEC, São Paulo, 1990, 5ª edição (v. portuguesa).

155– Jakobson, R. In Op. Cit., de Bakhtin, M. pp. 09-10.

156– Bakhtin, M. – Op. cit., pp. 82 e segs.

157– *Id. Ib.* – pp. 90 e segs.

158– *Id. Ib.* – p. 16 (Yoguello, M. – Introdução).